Rezende, Antonio Telles da
Silva Cominha e Menezes
Pintura de um outeiro
nocturno

PINTURA

DE

UM OUTEIRO NOCTURNO

E

UM SARÁO MUSICAL

ÁS PORTAS DE LISBOA

NO FIM DO SECULO PASSADO

FEITA E LIDA

NO PRIMEIRO SERÃO LITTERARIO DO GREMIO RECREATIVO

EM 12 DE DEZEMBRO DE 1867

PELO

MARQUEZ DE RESENDE

LISBOA

Typographia da Academia Real das Sciencias

1868

PINTURA

DE

UM OUTEIRO NOCTURNO

E

UM SARÁO MUSICAL

ÁS PORTAS DE LISBOA

NO FIM DO SECULO PASSADO

FEITA E LIDA

NO PRIMEIRO SERÃO LITTERARIO DO GREMIO RECREATIVO

EM 12 DE DEZEMBRO DE 1867

PELO

MARQUEZ DE RESENDE

LISBOA

Typographia da Academia Real das Sciencias

1868

Pintura de um Outeiro Nocturno e um Sarão Musical ás portas de Lisboa no fim do seculo passado

---

> O pintor dos costumes deve ter os olhos fitos nos modêlos que lhe presenta a sociedade, para ali achar a verdadeira expressão da natureza.
>
> Horacio, ARTE POETICA, vers. 317 e 318.

Senhoras, e senhores,

A pedido da zelosa Direcção d'este *Gremio Recreativo* dou hoje principio aos discursos que n'elle se vão fazer, com as recordações e imagens de um vistoso serão que, nos primeiros annos do reinado da senhora D. Maria I, foi, pelas bellezas sonoras e outras não menos encantadoras que ali concorreram, uma verdadeira festa para os ouvidos e para os olhos. A exemplo de varios pintores litterarios introduzirei, para dar todo o valor aos objectos que descrevo e descansar a attenção dos ouvintes, algumas anecdotas galantes n'esta minha narração, que, sem me vangloriar, como Byron, de pintar bem o que não vi, cuido que não será envolta com o tropel, que vemos, de Memorias de coisas que todos sabem, e de retratos que se não parecem com ninguem.

N'uma das mais elevadas collinas que cercam a nossa senhoril Lisboa está situado o antigo solar das Picoas onde a illustre, honrada e amavel familia Freire d'Andrade recebia uma vez na semana tudo o que a nossa sociedade polida tinha de mais distincto pelos predicamentos intellectuaes e civis, podendo cada um dos convidados para aquelles saraus instructivos e divertidos, que a civilisação e a moda fundaram na nossa côrte, dizer quando d'elles saía, como Ni-

colau Tolentino ao despedir-se da casa tambem de campo onde nasci:

> N'esta quinta onde mora a sã verdade,
> A doce paz, a solida alegria,
> Aonde da suavissima poesia
> Vi correr outra vez doirada edade.

É d'este luzido ajuntamento que eu vou esboçar o quadro animado pela acção e falla das figuras.

Eram sete horas da noite quando o pacifico e sempre alegre, bem que octogenario, Fernando Martins Freire d'Andrade, sua adorada e talentosa esposa D. Joanna Isabel Forjaz, e seus filhos Bernardim, de cuja ferida na guerra do Roussillon um rimador satyrico disse:

> Oh que bala feliz
> Que fez um Coronel,
> Um Principal,
> Um Prior Mór d'Aviz,

Nuno, que depois herdou a casa e teve o titulo de conde de Camarido, Gomes que recusou o bispado do Porto e por duas vezes o patriarchado de Lisboa, e D. Maria do Patrocinio, conduziam cortezmente as pessoas reunidas nas salas de recepção a um salão no meio do qual estava uma mesa rodeada de cadeiras em que se sentaram as poetisas e os poetas que passo a nomear. A engenhosa, instruida e romanesca condessa d'Oyenhausen D. Leonor d'Almeida: a viva, chistosa, e por vezes picante D. Catharina de Sousa, que depois foi viscondessa de Balsemão: D. Maria Carcome Lobo, cuja formosura natural era excedida pela belleza de suas rimas: fr. Joaquim Forjaz, irmão da dona da casa, e modêlo de elegancia, de graça e de espirito: monsenhor Corrêa de Sá, que, com os seus agudos motejos ao deus de amor, acrescentou uma corda á lyra portugueza: João Xavier de Mattos, admiravel pela destreza do engenho, viveza das imagens, e

verdade das expressões: o engraçado e popular Nicolau Tolentino d'Almeida, poeta eminentemente nacional no seu genero, cujos versos andavam em todas as bocas, e que era a alma e a alegria da sociedade por elle tão fina e exactamente descripta: Domingos Monteiro de Albuquerque e Amaral, cujas poesias ineditas, mas muito conhecidas, hão de, pela sublimidade dos pensamentos e melodia dos versos, ter muita aceitação em quanto na nossa terra houver bom gosto, e impedir que elle se perca: Antonio Ribeiro dos Santos, que, além do seu muito saber como jurisconsulto, era, pelo perfeito conhecimento que tinha dos primores da grega e da lacia poesia, emulo de Ferreira: Theotonio Gomes de Carvalho, um dos pastores da antiga Arcadia Portugueza, e cujo estro lhe dava na nova phalange apollinea um subido posto: José Bazilio da Gama, sensivel cantor da infeliz Lindoya, e auctor do poema intitulado *O Uraguay*, que passa por um dos melhores que, na nossa lingua, se tem composto nos tempos modernos: Francisco de Mello Franco, laureado por Apollo como medico e como poeta, que acabava de dar á luz, sem perfilhar, o seu poema heroi-comico-satyrico que intitulou *O Reino da Estupidez*, em que criticou algumas pessoas da nossa Athenas: fr. José Durão, que embocou a tuba épica para cantar as romanescas aventuras de Caramurú: Antonio Diniz, a quem Thalia teceu uma coroa poetica no seu poema intitulado *O Hyssope*, que alguns acham superior ao *Lutrin* de Boileau na pureza da linguagem, no desenho da obra, na regularidade do edificio, e na harmonia imitativa: o padre Sousa Caldas, que passa por um dos nossos melhores poetas lyricos: Domingos Maximiano Torres, que, nas suas eglogas, rivalisou com Quita e Gesner, e cujas cançonetas são, depois das de Claudio Manuel da Costa, primeiro poeta brasileiro, em antiguidade, as melhores que temos: João Baptista Gomes, honra da nossa litteratura dramatica: Gonzaga, mais conhecido pelo nome pastoril de *Dirceu*, e pela sua *Marilia*, cuja incomparavel belleza, e chamma ardente de amores can-

tados em doces rimas, encantavam a todos: Paulino Cabral, tão gabado pelo seu estylo fluido: o mordaz Lobo: José Anastacio da Cunha, que cultivava, com egual fortuna, as sciencias exactas e as musas: Curvo Semedo, mui gabado pelos seus dithyrambos; José Vicente Pimentel Maldonado, cujos apologos são por certo dignos da maior estimação: João Evangelista de Moraes, não menos apreciavel pela graça e energia das suas odes: Francisco Manuel do Nascimento, que era outro fiel imitador de Horacio e de Pindaro: os dois irmãos Francisco e Antonio da Silveira Malhão, ambos notaveis pela summa velocidade com que metrificavam, bem que a sua linguagem nem sempre fosse correcta: o, nos seus ditos e versos, facetissimo padre Braz da Costa, prior de Cintra: os dois grandes talentos em eloquencia e em poesia frei João Jacintho, e o joven Manuel Maria Barbosa du Bocage, quasi desde a infancia poeta, ardente cantor das paixões, enthusiasta, violento, e insoffrido, cujo engenho brilhou mais nos improvisos que fez, do que nos seus *Idylios Maritimos.*

Junto á mesa dispunha-se o tambem moço Silvestre Pinheiro Ferreira, para, por meio da tachygraphia, que só elle então conhecia em Portugal, escrever os versos que ali se iam improvisar, como depois disse um dos poetas que estavam presentes;

> Fazendo estenographicas rabiscas
> O pacato Pinheiro que lê grego.

No amphitheatro, que estava nos quatro lados da sala, viam-se as pessoas que passo a nomear. Junto a D. Joanna Isabel Forjaz, e D. Maria do Patrocinio Freire, estava a doce e sympathica duqueza de Lafões D. Henriqueta de Menezes, tendo do outro lado o duque D. João de Bragança, seu esposo, que, com um sorriso ironico, ouvia os queixumes do encyclopedico abbade Corrêa da Serra, seu grande amigo e collaborador academico, a quem elle chamava *elephante scientifico e litterario.* Perto d'estes o sereno marquez de Marialva

D. Pedro, typo dos picadores e toireiros, fallava com o gentil conde de Lumiares, que tinha a sciencia dos salões e prazeres, e era guia de todas as contradanças, com o excellente compositor de musica frei José Marques, que batia o compasso em todas as grandes festas de egreja, e com D. Fernando de Lima, espirito vivo e ligeiro, que dizia ao tambem moço doutor em leis, Sebastião José da Cruz Sobral (que ia ouvir cantar uma senhora que amava, e que não podia manifestar-lhe o seu amor) *o que não póde dizer-se, canta-se:* ao que Sobral, alludindo aos amores de D. Fernando com uma celebre dançarina, lhe repetia estes versos de uma carta que Nicolau Tolentino lhe escrevêra:

> Por Dutain esquece tudo:
> Esses passos tão gabados,
> Não digo que são os vossos,
> Porém são os meus peccados.

Estava em seguida o grande memorião, e justamente amuado com o paço, conde de S. Lourenço D. João de Noronha conversando com José Maria de Mello, depois bispo do Algarve, de uma memoria tambem espantosa, e não sei se diga monstruosa, e com o desembargador Gonçalo José da Silveira Preto, cuja cabeça era tambem um immenso deposito de factos, de idéas e de anecdotas galantes, d'onde elle tirava com facilidade o que tinha juntado sem confusão, e a quem o conde, por saber que elle era consultado por certas pessoas influentes e mediocres, dizia: *grande canceira é ser desasnador de parvos.* Tambem ali estavam o sabio, liso, e nunca triste congregado Theodoro de Almeida, que, além dos muitos serviços que prestou á nossa então recem-fundada Academia Real das Sciencias, fez o de divulgar entre nós as sciencias physico-mathematicas pelo mesmo methodo e com a mesma fortuna do celebre abbade Nollet: o padre Pimentel, homem de grande sciencia e litteratura, que, entre muitos e mui bellos versos latinos, fez quatro em que predisse a elevação e a

quêda de Napoleão: João Pedro Ribeiro que passava os dias no meio de manuscriptos amontoados, e por elle desenterrados dos cartorios e das livrarias: o marquez de Castello Melhor, que, a um grande talento, e a muito e bom saber, juntava uma independencia generosa, e a maior serenidade de animo: o marquez de Angeja D. José e seus dois irmãos D. Diogo e D. Caetano de Noronha, em cujas conversações, adubadas com o ar do paço, havia muito sal, e muita finura. Um pouco mais adiante viam-se a joven e formosa condessa de Caparica, que, com o engraçado meneio dos dedos, tomava uma pitada de tabaco da caixa do velho monsenhor Aguilar: a elegante condessa de Assumar, que, sem ter aprendido, como uma actriz franceza, os trinta modos de abanarse da hespanhola D. Maria de Mendonça, que, em Madrid, brilhava n'aquelle tempo, tambem campava na nossa côrte pelo garbo com que meneava o leque: a condessa de Pombeiro, tendo de um lado o conde seu esposo, que, pelas suas bellas e raras qualidades, ella preferira a muitos mais moços e gentis cavalheiros que a pediram para casar, tendo do outro lado a linda e discreta freira de Odivellas Maria do Monte, que, para mudar de ares, viera ser sua hospeda, e que, com o mesmo desgarre com que, pouco antes, ao entrar n'uma egreja, respondeu a um taful, que lhe pediu uma flôr que ella levava na mão: *tome-a lá, que, por um cravo, não quero que lhe cáia a ferradura*, disse então ali ao altissimo mestre-sala do paço, que lhe tomava a vista: *Oh! sr. conde, já que é d'Almada, passe para a outra banda.* Ao pé d'esta senhora via-se a, mais linda entre as mais formosas, condessa de Soure, em quem o novo penteado *á creoula*, que o cabelleireiro francez Leonard substituiu ás enormes trouxas que as senhoras traziam á cabeça, e que depois cedeu o campo ás modas a que o dançarino Maraffi e a cantatriz Gafforini deram os nomes, fazia realçar as feições engraçadas do seu semblante tão bem pintadas n'esta modinha de Caldas Barbosa:

Oh Marcia bella!
Teu lindo rosto
Inspira gosto,
Causa prazer.
Todos o dizem
Quantos te vêem,
Só tu agradas
E mais ninguem.

Estava esta senhora fallando com o velho conde de Resende de punhos espetados, e que gostava do jogo das palavras, quando um sujeito, que, por inepcia, trocava umas por outras, tendo ouvido dizer que o conde de Soure estava apontado para o commando das guardas do corpo que tambem corria voz que se iam estabelecer no paço, perguntou á gentil condessa, *se era verdade que seu marido estava feito guarda do cós da rainha:* ao que o conde de Resende observou *que não era de crer que ella désse a outrem este posto privativo d'el-rei seu esposo.* A proposito da inepta pergunta que motivou esta nota, deu o bondoso D. Rodrigo de Menezes, que tambem ali se achava, ao curioso Luiz de Vasconcellos, para a collecção, que fazia, de parvoices por escripto, um bilhete de visita que n'esse dia recebêra de um figurão estrangeiro que, nelle, se intitulava *camarista e conselheiro actual do defuncto eleitor de Saxonia,* o que tambem deu lugar a que o prasenteiro Francisco Feliciano Velho, que egualmente estava presente, contasse que, n'uma matricula de estudantes, dizendo um que era natural de Loanda, *como?* (gritou o que fazia a lista) *de Hollanda? então he Ingrez.* Não longe d'estes galhofeiros, o grave congregado Joaquim de Foyos, Nestor da nossa litteratura, e que, com intelligente perseverança, esquadrinhava, nos poetas, nos historiadores, e nos geographos da antiguidade, os restos de uma civilisação desapparecida, estava, por uma singular casualidade, sentado entre o bom Balio, mas não bem fallante, Duarte de Sousa Coutinho, que, no discurso que fez ao tomar posse da presi-

dencia da junta das aguas livres, disse: *quando Christo creou o mundo:* e um antigo e zeloso, mas confuso enfermeiro mór do hospital de S. José, que, n'uma noticia, que publicou, dos melhoramentos operados n'este pio estabelecimento, começou por estabelecer, que *os hospitaes, antes de os haver, eram governados pelos bispos.* Viam-se, em seguida, a Marqueza de Penalva, a quem Deus dotou de todas as qualidades de uma boa mãe, em conversação animada com a sua grande amiga a interessante D. Maria de Noronha, e com as mui espirituosas condessas de Ficalho e de Vimieiro, junto ás quaes estavam a galharda e admiravel cantora D. Caetana Cardoso, e a já não moça, mas ainda presumida viscondessa da Lourinhã, a quem, por isto, D. Miguel Antonio de Mello, que punha alcunhas a todos, deu o nome de *Venus de cortiça,* que ella retribuiu, chamando-lhe *Cupido de torna viagem.* Pouco mais adiante estavam agrupados os cinco membros do gabinete, a saber, o arcebispo de Thessalonica, que, com a mesma grossaria com que tirava, como confessor, os escrupulos á rainha, e mofava das duvidas d'el-rei, punha tudo em confusão no despacho a que era ministro assistente: o, para si e para os seus, largo, mas, para os outros, apertado, marquez d'Angeja D. Pedro, ministro da fazenda e presidente do Erario: o habil e activo, porém, com os seus collegas embirrante, Martinho de Mello, ministro da marinha e ultramar: o probo e inhabil Ayres de Sá, ministro dos negocios estrangeiros e da guerra: e o tambem honrado, mas que apesar de ser instruido, não era pratico, e por isso desconfiado de si, e irresoluto, visconde de Villa Nova da Cerveira, ministro dos negocios do reino; todos os quaes o marquez de Penalva, meu pae, ali mesmo, n'um recanto, onde, com o fino motejador D. Gastão da Camara, observava aquelle grupo, pintou, pela boca pequena, na seguinte decima:

O negocio se propõe;
Duvida el-rei meu senhor;
Atrapalh'o confessor;

Angeja a pagar se oppõe;
A rainha não dispõe;
Martinho marra esturrado;
Ayres não passa d'honrado;
E o visconde, em conclusão,
Pede nova informação;
Fic' o negocio empatado;

Ao pé d'estes estadistas estava o que já o fôra, e depois tornou a ser e a deixar de ser, José de Seabra da Silva, homem d'espirito e de animo generoso, sempre vivo e folgasão, contando engraçadamente alguns factos occorridos durante o seu desterro a João Pereira Ramos, que era a lei fallante: ao grave e sisudo José Alberto Leitão: a João Xavier Telles, não menos notavel, pelo conhecimento que tinha de quasi todas as linguas vivas, do que pela elasticidade do seu espirito: a Manuel Nicolau Esteves Negrão, tão amante da rectidão, como da poesia e da musica, a José Mauricio da Gama, modelo dos juizes independentes, dos amigos constantes, e dos homens polidos: aò inteiro e serio Manuel da Costa Ferreira: ao tambem justo porém mais amavel Miguel Carlos Caldeira, e ao matreiro José Ricalde, que, dizendo ali a alguem: *eu nunca fiz senão o que entendi:* deu azo a que lhe replicassem: *mas nunca entendeu senão o que quiz.* A esta fileira de notabilidades na ordem da magistratura seguia-se uma brilhante pleyade de oradores sagrados em que haviam frei João da Rocha, frei Joaquim de Santa Clara, frei José Botelho, frei José Maria de Noronha, e frei Manuel dos Anjos, dos quaes, bem como de frei Joaquim Forjaz, e de frei João Jacintho, que estavam na roda dos vates figurando a alliança da oratoria com a poesia, bem se podia dizer, que, pela viveza d'engenho, eloquente dicção, e boa expressiva, fallavam aos corações e deleitavam os ouvidos. Junto d'estes grandes talentos estavam os dois excellentes poetas italianos Baldinotti, e Angelo Talassi menos feliz no poema que publicou, com o titulo de *L'Olmo Aba-*

tuto, do que nos seus bellos improvisos. No centro do amphitheatro estavam o de todos bemquisto nuncio Belissomi: o não menos geralmente estimado conde de Chalons, embaixador de França: o gentil barão de Schladen, ministro da Prussia, e que em Portugal fez muitas conquistas de um genero differente das do grande Frederico: sir Roberto Walpole, ministro d'Inglaterra, que pelas suas maneiras insinuantes agradou muito n'esta côrte: o marquez d'Almodovar, ministro d'Hespanha, mui curto dos nós, e menos dado aos negocios que aos prazeres: o cavalheiro Lebzeltern, ministro do imperador d'Allemanha, grande jogador do whisth, e tão acautelado que deu, em officio secreto e cifrado, parte á sua côrte do terremoto de 1755: Saurin, ministro d'Hollanda, muito avaro, e mui feliz ao jogo: o principe Ruffo, ministro de Napoles, que não aceitava nem fazia convites para jantares, a fim de não arruinar a saude nem a bolsa: o conde Marini, ministro de Sardenha, que, apesar de ser homem de lettras e saber muita lettra, não conseguiu que se ajustasse o casamento do principe D. José com uma princeza sarda: o bom Kantzow, encarregado de negocios de Suecia: e M. Hort, consul geral d'Inglaterra, cujo ar brusco e altivo era compensado por um bom natural, e de quem se contavam, entre milhares de distracções incriveis, que, tendo perguntado á duqueza de Tancos, camareira mór, como estava seu marido, e respondendo ella que havia muitos annos que elle tinha morrido, lhe perguntou *e quantos lhe restam?* indo, tambem por descuido, no 1.º de dezembro ao paço vestido de preto, o que fez que o engraçado marquez de Fronteira lhe dissesse que trocasse o seu luto pela gala de D. José del Rio, consul geral d'Hespanha. Além d'estes estrangeiros viam-se ali outros, como o principe Reuss, habil militar, e parente do conde de Lippe com quem viera para Portugal, e o seu compatriota e camarada Bermann, em quem só avultava o nariz, ao que Nicolau Tolentino alludiu n'esta quadra que elle tomou por um elogio:

Ainda Bermann discorria
Pelas côrtes estrangeiras,
E já, nas nossas fronteiras,
Parte d'elle apparecia:

o scientissimo e faceto Miguel Franzini, mestre de mathematica do principe D. João, que, a uma pessoa, que lhe perguntou, *se o Danubio passava por Veneza*, respondeu: *quando eu de lá vim ainda não tinha passado:* e o mui ameno e grande antiquario abbade Granier, capellão da egreja de S. Luiz. Estavam tambem n'esta casa, onde tinham as mais francas e familiares entradas, os abastados e entendidos Verdier e Ratton fallando com o, bem que no ar do corpo apoucado, tambem tão rico em dinheiro, como em talento, Anselmo José da Cruz Sobral, todos os quaes o grande marquez de Pombal chamou a Portugal, para n'este reino naturalizar a industria. Viam-se tambem alli o conde Maximo de Puysegur, que introduziu na nossa terra a sciencia occulta conhecida pelos nomes de *magnetismo animal*, e de *mesmerismo:* o padre Jeronymo Allen do collegio dos inglezinhos, que, com a sua simplicidade ingenua e originalidade de estylo, dizia a dois disputadores despropositados *ambos vv. ex.as tem semrazão:* Olivieri, reitor do collegio dos nobres, que, á força de saber, resuscitou uma lingua morta nas suas classicas orações latinas: o cavalheiro Pinetti, grande prestigiador: o famoso impostor italiano José Balsamo, que, depois de viajar pela Europa, com os nomes suppostos de marquez Pellegrini, de conde de Harat, de conde de Pheniz, de marquez de Annas, e por fim de Cagliostro, que tomou em França, onde, na opinião de muita gente que, sem ter fé em Deus, cria em feitiços, passou por evocador das sombras dos mortos, foi depois a Londres, d'onde veiu a Lisboa, com cartas de recommendação para Anselmo José da Cruz Sobral, por meio das quaes se introduziu em varias casas, onde, com a impudencia da raça charlatã, se inculcou a algumas pessoas por fazedor de oiro. Do lado opposto estava com os olhos

pregados n'elle, e apontando para elle, o perspicaz intendente Diogo Ignacio de Pina Manique dizendo ao seu particular amigo marquez de Lavradio, recem-chegado do Brasil, e que tambem tinha o que hoje se chama *senso commum*, e uma grande sagacidade politica: *não me cheira bem aquella cara*, d'onde se segue que a *Arte de cheirar*, que o doutor Cap publicou em 1844, era, entre nós, conhecida e praticada muito antes. Não longe d'ali o plegmatico Luiz Pinto de Sousa Coutinho (que, como elle mesmo dizia, *levava a vida pachorrentamente, para não morrer depressa*) ouvia, encostado no cotovêlo, o alvitre de plantar chá na serra da Arrabida que o activo e bem intencionado, mas algum tanto fantasioso, D. Rodrigo de Sousa Coutinho dava ao jovial, prudente, e mui perito naturalista Alexandre Antonio das Neves, o qual, alludindo ao atraso em que estava, na nossa terra, a cultura do trigo, lhe dizia, com ar de riso, que, *antes de fazer o chá, era mister tratar das fatias*. Emparelhava esta scena com outra, não menos comica, que, perto d'ali offerecia o franco e veraz marquez de Valença espantado de vêr mentir, sem sorrir, D. Braz da Silveira, alardeador de valentias impossiveis, e o principal Furtado, juiz perpetuo da irmandade dos cegos aos quaes pregava muitas petas, traduzindo ali a alguem a oração *Deus in adjutorium meum intende, Domine ad adjuvandum me festina*, pelas palavras *Deus no seu escritorio, bem me entende, façamos-lhe uma festinha;* dizendo a outra pessoa que as quatro lettras S. P. Q. R., que se leem nos pendões das procissões da quaresma, significam *salada, pão, queijo, rabano;* e, virando-se para uma senhora que, apesar de lhe terem affirmado que elle não era presbytero, lhe perguntou: *v. ex.ª diz missa?* disse-lhe elle: *e v. ex.ª diz-m' isso*? Em quanto um rimador, que estava presente, fazia em voz baixa esta quadra

Quem te furtou meu Furtado,
Coitadinho do ladrão,

Pois ficou, na mesma acção,
Delinquente e castigado,

o que fez que o jocoso José Daniel, redactor do *Almocreve das Petas*, que tambem ali se achava, dissesse ao velho inquisidor Jansen, apontando para o marquez de Valença, D. Braz, e principal Furtado, *ali tem a Santissima Trindade, tres pessoas distinctas, e uma só verdadeira*. A par d'estes viam-se outros homens singulares de differente genero, como o D. Prior de Guimarães, que, por distracção, saindo para o campo, deixou fechado no seu quarto um pobre frade que fôra fazer-lhe uma visita: o padre Telles, capellão do regimento de Bernardim Freire, e tão notavel pelas suas lembranças, como pelos seus esquecimentos, que, deixando de dizer missa áquelle corpo n'um dia de guarda, deu por desculpa que *nunca vira um domingo com tanta cara de sabbado*: o alto e bexigoso padre Francisco do *Campo Grande*, que todos os dias, sem falha, vinha d'ali jogar o bilhar nas Picoas, e que, em lugar de *orate fratres*, disse uma vez na missa *carambolou o parceiro*: o chamado *frei José da demanda*, por uma que perdeu, o qual, prégando na festa do orago de um convento de freiras, exclamou, com a maior pureza, *dai-me Monicas, que eu vos farei Agostinhos!* o que enterneceu a alma de uma não menos pura velha, e fez estalar de riso alguns não innocentes ouvintes, e o mestre de ceremonias Raymundo Nonnato, a quem assacaram a balda de pesar os çapatos e as botas. Junto d'esta collecção de homens distraidos, o Loyo e sagaz parasito José Pinto observava a outro papajantares, que dizia, que, em casa de Bekford *até as colheres de prata eram de oiro*, quanto convinha que, n'um banquete, cada um tomasse tanto sentido no que come, como no que os outros dizem. Perto d'estes glotões estavam os tão familiares da casa das Picoas, como infatigaveis genealogicos Bernardo Carneiro, José do Nascimento Pereira de Menezes, e Simão Ara-

nha, discorrendo sobre uma arvore de geração trazida por um mouro recem-chegado da costa d'Africa, e que, por chegar até Noé, devia, como dizia o orientalista frei João de Sousa, eclipsar os mais brilhantes pergaminhos de todas as familias historicas. N'uma roda de facultativos viam-se o mais theorico que pratico Francisco Tavares, o habil e original Ignacio Tamagnini, Estevão Manoel Raposo, cujo susto, n'uma viagem que fez a Salvaterra, o poeta Lobo pintou, pondo na boca d'elle esta supplica a Santa Barbara *Lembra-te da minha esposa, e vê que tem rapozinhos;* e José Correia Picanço, homem de muita sciencia, de muita pratica, e de muito sal, que a uma parteira, que deu por finada uma criança viva, disse: *se v. m.ce entende tanto de quem nasce, como de quem morre, digo que é immortal no seu officio.* A poucos passos d'ali o fino conde de Val de Reis, presidente da mesa da consciencia e ordens, que não perdia occasião de dar chascos, dizia, com ar de riso, a D. Francisco de Almeida, deputado do mesmo tribunal, *que sentia que elle só fosse ali quando o levava algum empenho;* ao que este, a quem a sua physionomia original, e o defeito, que tinha, de gaguejar, davam um chiste aos seus ditos satyricos, retorquiu prompta e picantemente: *agora vejo porque v. ex.a não falta lá um só dia.* N'um circulo de militares, em que se viam Bernardim Freire, rigoroso em pontos de disciplina: o conde de Assumar, tambem militar, que tinha um talento mais brilhante que solido, e um saber mais de ouvidos que de estudo: seu physicamente gigantesco cunhado conde de Oyenhausen, de quem elle, por isso, dizia, que devia hir a enterrar n'um corredor: e o jovial e tolerante coronel D. Diogo Soares de Noronha, que affirmava, que, em tempo de guerra, deviam ser executadas á risca todas as ordens; em tempo de paz, algumas; e, no dia da Procissão do Corpo de Deos, nenhumas. Finalmente junto a estas pessoas, e ao bondoso e ingenuo padre Estevão Cabral, viam-se alguns motejadores, um dos quaes, fallando

de certo cortezão muito ambicioso, dizia que estimaria que o fizessem *Padre Eterno*, para ver se teria mais que desejar, e gritando d'ali outro—*Sim teria*—, perguntaram todos—O que?— ao que elle respondeu —*matar o Filho e o Espirito Santo.*

A um signal dado pela dona da casa cessaram as conversações em prosa, e começaram as poesias d'este certame poetico, não *de versinhos anões a anãs Nerinas*, mas de trovas que nos indemnisam de muitas que depois nos tem ferido os ouvidos, tomando João Xavier de Mattos a mão, para, no seguinte soneto, celebrar os annos que, n'aquelle dia, fazia Fernando Martins d'Andrade.

Fazer annos, senhor, será ventura,
Porque dilata a duração da vida;
Mas é uma ventura tão sabida,
Que a logra a féra, o tronco, a pedra dura:

Só quem segue a razão, só quem procura,
Como tu, outra gloria mais subida;
Essa fama immortal, que te é devida,
É que faz annos, é que vive, e dura:

Se o dia é de perdão, e de favores,
Perdão te peço, se em conceitos rudes
Mancho o teu nome, offendo os teus louvores,

E favor, p'ra que, sempre alegre, estudes,
Ser só, na imitação dos teus maiores,
Mais que nos bens, herdeiro das virtudes.

Findo este soneto, fez frei Joaquim Forjaz, sobre a mesma materia, o que passo a dar, com os consoantes forçados, ou, como dizem os francezes, *bouts rimés*, az, ez, oz, uz, que sua irmã D. Joanna Isabel Forjaz lhe deu para o embaraçar nos seus chascos ao cunhado com quem sempre entendia.

Torta a ruça cesarie o velho traz
Cujo crespo o diluvio lhe desfez,
E uma casaca que lhe fez
O profeta Habacuc sendo rapaz.

Dos annos eu só sei que faz
Época pelos calos dos seus pez:
Só de dentes do sizo vinte e trez
Lhe cairam de gosto pela paz.

É mais velho no mundo que o arroz;
Ainda mais antigo que o cuscuz;
Anda lá pela era do retroz:

E se teima a viver qual alcatruz,
Que gira pela roda do arrioz,
Viverá Jesus, nome de Jesuz!

Seguiu-se esta quadra de Nicolau Tolentino de Almeida, cuja primeira palavra lhe foi dada por D. Maria Carcome Lobo, e a segunda por D. Catharina de Sousa.

Divindades devem ser
Adoradas, e servidas;
Adoradas de joelhos,
E servidas *de gatinhas.*

Logo depois deu o marquez de Penalva, por mote, ao mesmo poeta esta quadra:

Pergunta certa senhora,
Sem presumir mal algum,
Se um beijo á sexta-feira
Fará perder o jejum.

a que o improvisador fez a seguinte glosa pondo em dialogo um taful e um frade habilitado para mestre de theologia.

T. Padre Mestre Presentado,
Pergunto, e saber desejo,
Se perde o jejum um beijo
Sendo á sexta feira dado?
F. Eu, no Larraga, encontrado
Não tenho o caso até 'gora;
Por isso alguma demora...
T. Não, não, não se cance munto,
Que eu cá por mim não pergunto,
Pergunta certa senhora.

F. Olhe, se ella o beijo deu
Simpliciter, não peccou,
Que a lei a ninguem tirou
Poder dar o que for seu;
Com tudo, se fôra eu,
Beijo não dera nenhum;
Porém, como deu só um,
Não tem o jejum quebrado,
E muito mais sendo dado
Sem presumir mal algum.

T. Porém seu mestre Melgaço,
Que eu por cá seguido vejo,
Vos diz que o solido beijo
Sustenta mais que o abraço.
F. Eu tal distincção não faço.
Nem distincção verdadeira
Acho, ainda que dar-lha queira;
Nem eu sei qual mais seria,
Se um abraço em qualquer dia,
Se um beijo á sexta feira.

T. Logo póde um beijo dar
Muito bem á sexta feira,
Qualquer secular, ou freira
Sem n'isso o jejum quebrar?
F. Póde sim, mas sem formar

N'esse instante gosto algum;
Nem hade dar mais do que um,
Pois, se deu mais, ou fez gosto,
Como o beijo é já composto,
Fará perder o jejum.

Chegando a vez de monsenhor Corrêa de Sá, e dando-lhe a condessa d'Oyenhausen por mote —Tocando n'uma sanfona— glosou-o elle n'esta decima:

Cupido, tempo ha de vir,
Em se acabando os patetas,
Que não hão de tuas settas
Nem penetrar, nem ferir.
Inda t' hei de ver vestir
Pobre e suja japona;
E tua mãe fanfarrona
Que fará vendo-t' então
Pobre, triste atraz d'um cão
Tocando n'uma sanfona.

Dando depois, com birra, D. Catharina de Sousa ao mesmo poeta o mote —Bate as azas, foge Amor—, glosou-o elle, tambem raivento, assim:

Cupido, as settas acena
A innocentes passarinhos
Dos qu' estão inda nos ninhos
E a quem falta a penna;
A estes os tiros ordena
Com o mais cruel rigor;
Mas, se o passaro for,
Como os que nos troncos ha,
Ave crescida, e que já
Bate as azas, foge Amor.

Depois d'estas chistosas, mas desamoraveis decimas, deu a bella e canora D. Caetana Cardoso ao seu grande admi-

rador Caldas Barbosa o mote — Caramélo e agua fria —, a que elle fez este bello e amavel improviso:

Quizera, bella Caetana,
A tua voz singular
A uma coisa comparar
Qu' entendesse a gente humana.
O teu Caldas não t' engana;
É fiel qual te avalia.
Essa tua melodia
Tanto me consola est' alma
Quanto, em tempo de calma,
Caramélo, e agua fria.

Logo, em seguida deu a formosa condessa de Soure a Theotonio Gomes de Carvalho esta colcheia:

Maior que a gloria da dita
É a magoa de perdêl-a.

que elle, a instancias de frei José Durão, glosou n'a seguinte decima em que pintou um professor presidindo a umas conclusões:

Discipulo meu, repita,
Que estamos em conclusão:
Começa assim a questão
Maior que a gloria da dita.
Qu' é isso, arde-lh' é bonita?
Pois ha de assim defendêl-a.
Meu padre mestre, a ella:
Argumente, não s'esconda.
Oh discipulo, responda:
É a magoa de perdêl-a.

Acontecendo que, ao findar esta decima, se quebrasse a cadeira em que estava sentada a condessa de Vimieiro, que, como quem fazia uma mesura, foi ao chão, ella mesma, com allusão a isto, deu a frei João Jacinto por mote — Com re-

verencia ao porão —, que o engraçado paulista glosou, figurando, por vontade d'aquella senhora, um capucho, contando, como se vae ver, o que lhe succedeu nas visitas, que fizera, de boas festas:

A dar da festa o bilhete,
Sahi envolto na plaustra,
E, não mui longe da claustra,
Já tinha entregado sete.
Eis que n'um beco se mette
O meu companheiro então,
Que era o padre guardião;
Apparece uma donzella;
Inclina a bola, vae ella,
Com reverencia, ao porão.

Fazendo-se então uma pausa, e perguntando, n'este breve intervallo, D. Catharina de Sousa a Nicolau Tolentino, se era certo que elle vira pôr fóra da cerca dos barbadinhos italianos o livreiro e encadernador Mariatti por devorar os olhos das alfaces, respondeu-lhe o sempre jovial poeta n'esta quadra:

Comeu um livreiro a dente
D'alface tod' um canteiro,
E comeu, sendo livreiro,
Desencadernadamente.

Continuando o certame, deu a discreta madre Maria do Monte este mote:

O rosario de Maria

a que o padre Braz fez esta galante glosa:

Furtaram-m' os ladrões
Tud' o que tinha de meu,
O capote e o chapeu,

A vestia e os calções,
Uma bolsa com tostões,
Outra bolsinha vasia,
O gral, a amotolia,
O lençol e roupa da cama,
As camandulas da ama,
O rosario de Maria.

Finda esta decima, a mesma sempre desembaraçada e d'esta vez travessa Maria do Monte, não ignorando que o grosso e gallego abbade do Desterro tinha, n'uma grade das freiras de Odivellas, chamado *voraz* ao poeta satyrico Lobo por ter ali comido uma grande porção de manjar-branco, deu a este, por mote, a seguinte colcheia

O abbade do Desterro
É d'esphera superior

que elle, desafogando a ira em versos, glosou assim:

Nasceu n'um aspero serro,
Ha coisa de setent' annos,
Entre machos castelhanos,
O abbade do Desterro.
Poz-lh' o Geral o seu ferro:
Trotou um anno em redor:
Ensaia-se a macho mór:
O freio e a sella lh' amarga,
Mas, para besta de carga,
É d'esphera superior.

Logo depois, e para que a estes versos agros se seguissem alguns brandos, deu a velha condessa de Ficalho a Thomaz Antonio Gonzaga, a quem ella chamava *poeta musical*, este suave mote:

É mais doce que o mel teu terno agrado.

que elle, fallando com a sua pastora, glosou no seguinte soneto, apreciavel pela doçura das palavras, pela cadencia dos versos, e pela harmonia do rhythmo.

Marilia, chega, que Dirceu t' espera
Sobre as candidas azas da alegria:
Chega, querido bem, trazes o dia,
Em que a inveja ferina s' exaspera.

Apenas no horisonte amanhecêra,
E Phebo os loiros raios repartia;
Já dentro d'est' aldêa se sabia,
Que a causa d'este bem Marilia era.

Tu já vês como salta o cordeirinho
Alegre atraz da mãe no verde prado:
Ouves cantar o alado passarinho:

Pizas a inveja, rindo-te do fado.
É mais puro que o leite o teu carinho,
É mais doce que o mel teu terno agrado.

A esta quadra de Antonio Ribeiro dos Santos:

Quanto importa, e quanto val
Para o mal, e para o bem,
Quem de seu um casal tem,
Que viva no seu casal:

fez João Xavier de Mattos a seguinte glosa

Fabio, que foi cortezão,
Remediado, e valido,
Quanto dera de haver sido
Antes um pobre aldeão!
Sim teve de sua mão
Pendente o arbitrio real:
Foi grosso o seu cabedal;

Póde o que quiz sem demora;
Mas pergunte-se-lhe agora
Quanto importa, e quanto val.

Que importa o ter governado
Com ordens vistas e occultas?
Se hoje as que propõem consultas
São de tão misero estado;
Antes que sceptro, o cajado
Servira como convem:
Nas côrtes não vive alguem
Seguro a bem, nem a mal:
No campo serve um casal
Para o mal, e para o bem.

Não é melhor ter o amanho
Da lavoira, inda que pobre,
Que vir a parar um nobre
N'um desamparo tamanho?
Ter de ovelhas um rebanho,
Que as pelles e o leite dêm?
Não ha mais seguro bem:
Pois, quanto ao discurso meu,
Não sabe o que tem de seu,
Quem de seu um casal tem.

Estas coisas são tamanhas,
Medidas pela razão,
Que a sua ponderação
Tem povoado montanhas:
Mas se acaso são estranhas
A' aquella, que em caso tal
Se não viu, fugindo ao mal,
Eu lhe recommendo aqui,
(Porque viva para si)
Que viva no seu casal.

Fazendo-se depois d'isto outra parada, repetiu D. Maria

Carcome Lobo a seguinte quadra que o mesmo João Xavier de Matos tinha, poucos dias antes mandado por um criado de cor parda, ao conde da Vidigueira, que lhe tinha dado de presente uma leitoa:

Mulato, a Xabregas vae,
E ao conde, da parte minha,
Dize, que a leitoa vinha
Chorando por sua mãe.

Proseguindo os improvisos, fez Paulino Cabral sobre o mote

Cruel fortuna, ergue a mão,
Fere, mata-me a teu gosto;
Que não se me enfia o rosto,
Nem me bate o coração.

a seguinte glosa:

Não cuides que t' hei de temer,
Fortuna cruel, por mais
Que me mostres signaes
Do teu supremo poder;
E se melhor queres ver
Quanto eu obro n'esta acção,
Eu te offereço um coração,
Que não tem medo da morte:
Anda, executa o córte,
Cruel fortuna, ergue a mão.

Tenta o ferro penetrante,
Afia-lhe a aguda ponta,
E o golpe mortal aponta
Que já te espero constante:
Eu te ponho por diante
Um peito a morrer disposto;
E, emfim, sem mudar de poste
Sem temor, e sem receio,

Sem armas, te off'reço o seio;
Fere, mata-me a teu gosto.

Não me póde alterar
N'este mundo algum tormento,
Pois no mudo soffrimento
Sei meus males tolerar;
Nada me póde affrontar,
Nada causar-me desgosto;
E estou emfim tão disposto
A morrer contente, e forte,
Que nem me desmaia a morte,
Que nem se me enfia o rosto.

Até já desenganado
De attractivos de amor,
Chego a ter tanto valor,
Que os grilhões tenho quebrado;
Vejo Nize, e sem cuidado
De saber se é ella, ou não,
Vivo com tal isenção,
Que, inda estando junto d'ella,
Nem o sangue se me géla,
Nem me bate o coração.

A este mote do padre Caldas:

Marte, faze-te da moda,
E teus temores desterra,
Que os soldados d'esta era
Trazem por moda uma roca.

fez Garção a glosa que segue:

Se queres ser namorado
Da moça mais presumida,
Deixa de paizano a vida,
Senta praça de soldado:
Traze chapeu cerceado,

Espadada a testa toda.
Casaca com pouca roda,
Nunca dinheiro comtigo,
Pois é moda tal castigo,
Marte, faze-te da moda.

Não temas a reluzente
Sanguinosa espada fria;
O pelouro que assobia,
E que mata de repente;
Nem petarda, que estridente
A' dura porta se afferra:
Busca o desprezo da guerra
Com torvo irado semblante,
Faze-te forte, chibante,
E teus temores desterra.

Com retorcidos bigodes
Os antigos Cassuletes
Sem rabichos, nem topetes,
Tresandavam mais que bodes.
Marte, da moda bem podes,
A roca brandindo fera,
Mostrar que não foi, nem era,
Gente de tanto valor
Para batalhas melhor
Que os soldados d'esta era.

Inda que a roca se ponha
Como carocha aos poltrões,
Hoje seiscentos Roldões
Não tem da roca vergonha:
Empestados d'esta ronha,
Que trouxe moda tão louca,
Fazendo aos rapazes cóca
Em trajes de cruz-diabo,
Nos mostram, por moda, o rabo,
Trazem, por moda, uma roca.

Quando se acabava esta glosa ouviu-se o grito de um rapaz a quem outro brincão deu uma cabeçada, dizendo-lhe depois mui sentido d'isto — Perdoe, que não ia a dar —, palavras que frei Joaquim Forjaz tomou por mote, e glosou assim:

De brincos eu arrenego,
Ainda agora, brincando,
Me iam quasi matando,
Ou, ao menos, deixándo cego.
Que era brinco não o nego.
Mas olhe que é mau brincar
Dar n'um homem a matar,
E, depois de tudo isto,
Oh, pelas Chagas de Christo,
Perdoe, que não ia a dar.

Acabado este incidente deu D. Catharina de Sousa este mote:

Porque razão não fizestes,
Justos céos, porque razão,
Menos aspera a virtude,
Ou mais forte o coração.

que Domingos Monteiro d'Albuquerque e Amaral glosou nas decimas seguintes:

Victima do nefasto amor
A bella Eugenia magoada
Presa, ausente, desterrada,
Clamava ao céo na sua dor:
Céo, com que injusto rigor
Uma alma amante me déstes,
E á infamia me expozestes?
Ou devêras dar-me a morte,
Ou outra mulher mais forte
Porque razão não fizestes?

Lei geral obriga a amar
Tudo quanto o orbe encerra,
Homens e animaes na terra,
E os frios peixes no mar.
Os povoadores do ar
Tem amorosa união:
Esta universal paixão,
De que ente algum se exime,
Porque me é injuria e crime,
Justos céos, porque razão?

D'amizade a voz tomou
O amor, quando m'embaiu;
Da gloria o templo fingiu,
E para o seu me guiou.
Bem que a virtude se irou
Contra mim, fugir não pude.
Céos, ou fazei que se mude
D'este nume a potestade,
Ou seja á fragilidade
Menos aspera a virtude.

Morro mãe, sem ser esposa,
E entrego á sorte inclemente
D'esta alma a parte innocente,
Que os céos façam mais ditosa.
Julga-me lei rigorosa,
Sem piedade, e sem razão,
Pois que uma cega paixão
Só merecêra rigor
Se fosse mais fraco o amor,
Ou mais forte o coração.

Dando depois D. Catharina de Sousa ao mesmo poeta por mote, esta quadra, que Caldas Barbosa fizera á condessa de Soure:

Teu nome escrevi na arêa
Que banha o visinho mar,
Eu vi as ondas pulando
Virem teu nome beijar:

fez elle esta linda glosa.

Deixas-te a praia arenosa,
Laura, a vida aos mares dando,
E eu te fui acompanhando
Com vista longa, e saudosa;
Quiz chamar teu nome, e anciosa
Voz com os suspiros se enleia,
Corta as lettras, titubeia,
E, não podendo dizêl-o,
Por me consolar em lêl-o
Teu nome escrevi na arêa.

As lettras se levantavam,
E as Graças as defendiam
Das lagrimas que choviam,
Dos suspiros que sopravam;
Os amores as guardavam,
Mal que o céo viam toldar,
E eu vi teu nome ficar,
Como em bronze indissoluvel,
Na mesma arêa voluvel,
Que banha o visinho mar.

Venus, que do mar brotou,
E ali vê teu nome erguido,
De inveja o peito incendido
A Eólo se pranteou.
Logo elle desencerrou
Os ventos que vão bramando,
Co' as cheias bocas soprando
Vão mil furacões na praia,
E qual mais ao longe sáia
Eu vi as ondas pulando.

Amor, que honra o nome teu,
E até aos numes dá pena,
A Neptuno, e a Eólo ordena,
Que o respeitem mais que o seu;
Neptuno logo estendeu
O tridente sobre o mar,
Fez Eólo aferrolhar
Os ventos tempestuosos;
Eu vi ambos respeitosos
Virem teu nome beijar.

Acabada esta glosa, pediu a condessa de Soure ao improvisador, que recitasse como fez, o seguinte soneto em que elle, pouco antes, satyrisara os toucados altos chamados *trouxas,* de que tinham usado as senhoras, soneto que algumas pessoas erradamente attribuiram a Nicolau Tolentino de Almeida, e que eu tenho escripto do proprio punho do verdadeiro auctor.

Foi ao Manique um misero accusado
Por contrabandos ter: elle sciente
Chama a quadrilha, corre diligente,
Entra, busca, e não acha o malsinado:

Acha a mulher, que tinha por toucado
A torre de Belem: ella, que o sente,
Banhada em pranto, desmaiada, a frente
Prostra convulsa, o corpo délicado;

E, com o boléo, se esbandalha a mata espessa,
E d'ella saem botões, cassas lavradas,
E de belbute trinta e uma peça;

Fivelas, espadins, rendas bordadas;
E até tinha escondido na cabeça
O marido, e tres arcas encoiradas.

A este mote dado por José Anastacio da Cunha

Ainda depois de morto,
Debaixo do frio chão,
Acharás teu nome escripto
Dentro do meu coração.

fez Curvo Semedo a seguinte glosa joco-séria, em phrase de marujo.

Tão bravo me tenho feito
Desde que lido comtigo,
Que, ás vezes, mesmo commigo,
Jogo o sôco a teu respeito:
Se for certo, o que suspeito,
Que tu namoras o *Torto*,
Ou aqui, ou n'outro porto,
O tratante ha de pagal-o,
Que sou capaz d'esganal-o
Ainda depois de morto.

Não me dão volta cincoenta:
Por bem, sou mosquinha morta;
Mas, por mal, ninguem me corta
O cabellinho da venta:
Se você mangar intenta,
Não sae bem da mangação:
Ando co' a sonda na mão;
Porqu' a fazer-me pirraças,
Hei de mettêl-a cem braças
Debaixo do frio chão.

Mas tu choras? Essa é boa!
Não tenhas medo de mim,
Porque não sou tão ruim
Como foi certa pessoa:
Os mais abatem-te a proa:
Eu cá sirvo de palito;
Pois um homem, Deus bemdito!
Tanto por ti bebe os ares,
Qu' em quantos muros topares
Acharás teu nome escripto.

Tu deves por força amar-me,
Senão, fico como um preto;
Lá c'o *Torto* não me metto;
Quem as arma, que as desarme;
Hei de comtigo casar-me,
Mesmo por embirração,
Que, desde aquelle encontrão
Que te vi dar na Ribeira,
Trago accesa uma fogueira
Dentro do meu coração.

A este mote, dado por D. Maria Carcome Lobo, —Assim de flores se coroa a aurora— fez Francisco Manuel do Nascimento o seguinte soneto.

Um soneto! Inda esta me faltava!
Quatorze versos, isso é mui comprido:
Não chega lá meu estro espavorido:
Muito é se deito a uma oitava.

Lá vae — *O sol brilhante campeava*
Pela estrada do meio... vou perdido
Longe do mote, longe do sentido:
Nunca no outeiro Albano assim glosava.

Entro por outra porta: d'esta feita
Creio que dei c'o trilho —*Uma pastora*
Que c'o cajado n'agua tinha feita.

Não presta. Tome lá, minha senhora,
Guarde o mote, e dir-lhe-hei, quando se enfeita,
Assim de flores se coroa a aurora.

Finalmente, a esta quadra da condessa d'Oyenhausen:

Defender os patrios lares,
Dar a vida pelo rei,
É dos lusos valorosos
Caracter, costume, e lei:

fez Bocage a seguinte glosa:

Fernando avilta o brazão
De eternos avós herdado;
Fernando, a delicias dado,
Perde gloria, e coração.
Eis o primeiro João
Surge fausto entre os azares:
Dissipa torpes pezares,
E vae co' a tremenda espada,
Co' a gloria resuscitada,
Defender os patrios lares.

Correm tempos, e o destino
De Lysia outra vez se altera:
No berço Bellona fera
Bafeja real menino:
Cresce, e infausto desatino
O move contra Muley:
Ai! segue-o submissa grey,
Lusas mãos pendões desferem.
E, até na injustiça, querem
Dar a vida pelo rei.

Cae o moço miserando
Sobre as barbaras arêas;
Rebenta o sangue das vêas,
Inda victoria anhelando:
Ferreo jugo, intruso mando
Nos turva os annaes lustrosos:
Serie de tempos nebulosos
Que a Roma cadêas lança,
(Bem como os da gloria) herança
É dos lusos valorosos.

Rompe em fim de Lysia o somno
Alto impulso repentino,
E o renovo Bragantino

Reluz no remido throno.
Oh lusos! Celeste abono
Verificae, merecei;
Duro assalto removei;
Jus vos dão para a victoria
Um Deus, a razão, a historia,
Caracter, costume, e lei.

Acabados os improvisos, pediu o padre Braz da Costa licença para ler as seguintes decimas que elle, poucos dias antes, fizera a uma senhora, que, em paga de uma consoada d'azeitonas com que o brindára, lhe pediu que lhe désse novidades em verso.

Lembra-me o tempo passado,
Quando, sem muita demora,
Fazia, bella senhora,
Meus versos de pé quebrado.
Hoje sinto-me cançado;
Se um verso quero fazer
Não sei o que hei de dizer,
Por mais que queira o desejo:
Que ha de ser, se até não vejo
Quando me ponho a escrever.

Lembra-me, quando escrevia
Folhas de papel inteiras,
Em que dava verdadeiras
Noticias do que sabia.
Hoje inda o mesmo faria;
Porém, fallando a verdade,
Qu' importa que haja vontade
De muito escrever em summa,
Se eu não sei coisa nenhuma
Que possa ser novidade.

Mas, se por fallar estalo,
Quero vos contar de novo,

Que põe a gallinha o ovo,
E do frango se faz gallo:
Falla a freira pelo ralo,
O letrado dá conselho,
Toda a mulher tem espelho,
As noras tem alcatruzes,
Foge o demonio das cruzes,
Cajado mata coelho.

Corre o galgo atrás da lebre,
O cão da perdiz tem faro,
Sempre o barato sae caro,
Não ha vidro que não quebre:
Sezões dão com frio e febre:
Quando mal nunca maleitas,
Os ciumes são suspeitas;
O chorar sempre faz ranho;
Não ha pastor sem rebanho,
Nem botica sem receitas.

Pelo mar andam navios,
Andam pela rua os carros,
Ha pelo inverno catarros,
Quem me dá pannos ou fios;
Os irmãos dos paes são tios,
O fogo tudo consome,
Quem tem fastio não come,
Todo o maricas tem medo,
Rapaz não guarda segredo,
No mundo tudo tem nome.

Pega a criada na roca,
A costureira na agulha;
As crianças fazem bulha;
O furão entra na toca;
Os dentes nascem na boca;
As piteiras nos vallados;
Os moços fazem recados;

Fazem os oleiros potes;
Os alfaiates capotes;
Os amantes mil agrados.

Não ha roca sem fio liso;
Não ha espada sem punhos;
Todo o dinheiro tem cunhos;
Paga a recolhida o piso;
O necessario é preciso;
Não falta quem sempre vem:
Vinte réis valem um vintem:
Tudo o que não ha se escusa:
O antigo já não se usa;
A moda parece bem.

Os alegretes dão flores,
As hortas dão hortaliça,
As rolhas são de cortiça,
Os escravos tem senhores:
Tem as camas cobertores:
O que tem dinheiro é rico:
Tambem o macaco é nico:
O boi é vacca no açougue:
Quem não quer perder não jogue:
A agulha tem fundo e bico.

Não póde fallar o mudo,
E não tem juizo os tolos;
No natal se fazem bolos,
E filhozes pelo entrudo:
Nem todos são para tudo,
Nem tudo a todos se diz;
Chama-se ao gato bis, bis,
Ao cão se chama tó, tó;
Não ha madeira sem nó;
Tem ventas todo o nariz.

Faz botas o çapateiro,

Faz o pasteleiro empadas;
O marujo dá facadas:
Os ladrões furtam dinheiro.
Faz doces o confeiteiro;
O homem já velho é jarra;
O navio tem amarra;
Saloia mama na burra;
Lacaio toca bandurra;
Canta na calma a cigarra.

Papoulas ha pelos trigos;
Pelas praias alforrecas;
Em os tribunaes ha bécas;
Oh! que riqueza de figos!
Os velhos são mais antigos:
Não comem chouriço moiro;
As corrêas saem do coiro:
Quem tem vagar faz colheres;
Mal me queres, bem me queres;
Nem tudo o que luz é oiro.

As aranhas fazem têas,
As abelhas cera e mel;
Põe-se as lettras no papel;
No sobrescripto as obrêas:
Corre o sangue pelas vêas;
Corre o ranho do nariz;
Corre agua do chafariz;
O postilhão corre a posta;
Pelo mar corre a lagosta;
Dá a sentença o juiz.

Faz-se do trigo a farinha;
Do porco faz-se o presunto;
Não ha sermão sem assumpto;
O medo é que guarda a vinha:
Casinha, minha casinha!
Todo o gallo tem poleiro;

Indo eu por um outeiro...
De vagar se vae ao longe;
Nunca faz a barba o monge;
Nada se faz sem dinheiro.

O anno tem doze mezes;
Vinte e quatro horas o dia;
Não ha rapaz sem pipia,
E não ha oiro sem fézes.
Canta o rouxinol ás vezes,
Que não tem no canto egual;
O estorninho, e o pardal,
Fogem de medo ao milhano;
Sómente uma vez no anno
Vem a festa do natal.

Vou dando por acabada
A carta, se me pergunta
Tanta novidade junta,
Bem mereço a conçoada:
Ella vem; e que aceada!
Vosso primor tudo abona.
Ai tona, minha aitona,
Cantarei, senhora, a sólo,
Se me mandares um bolo
Por cada uma azeitona.

Depois d'estes versos, e com licença de D. Joanna Isabel Forjaz, leu Domingos Caldas Barbosa o seguinte soneto, que ella lhe fez quando soube que se tinha posto em disputa se a sua formosura era superior ou inferior á da condessa de Soure, e outras poesias d'aquella senhora.

SONETO

Não me engana o espelho crystallino,
Bem conheço, Lereno, o meu defeito,
Mas louvo a Summa Providencia pelo geito
Que a meu peito deu um bom destino.

Quando contemplo o rosto peregrino
Da bella Marcia, então louvo e respeito
A Sabia Omnipotencia por ter feito
Mais uma obra do seu Poder Divino.

Longe de mim a misera fraqueza
Do sexo feminil, que não consente
Ver gabar junto a si outra belleza.

O céo repartiu prodigamente
A' bella Marcia graça e gentileza,
A mim bom coração, estou contente.

SONETO QUE A MESMA SENHORA FEZ N'UMA OCCASIÃO EM QUE ESTAVA MUITO TRISTE

A todos afugenta justamente
A tristeza da minha companhia,
Que só grata e soffrivel ser podia
A quem fosse como eu tão descontente.

Fuja de vêr-me aquelle que não sente
O grave peso da melancolia
Por não vêr a imagem da agonia.
Fugi, fugi de mim, ditosa gente,

Assim como do mal contagioso
Aquelle que não é d'elle tocado
Foge com mil ideias receioso,

Do mesmo modo deve acautelado
Fugir de mim aquelle que é ditoso,
Para não ser do meu mal contagiado.

QUADRAS DA MESMA SENHORA

A aguia mais a cegonha
O mesmo vôo emprenderam,
Mas, soltando as largas azas,
A differença conheceram.

A cegonha não cedeu ;
Quiz elevar-se outra vez,
Nunca pôde conseguil-o
Por mais esforços que fez.

N'isto se vê o defeito
D'aquelles que, com fraqueza,
Querem ter pela soberba
Mais forças que a natureza.

Entre o corvo e mais o gaio
Houve uma grande questão
Sobre qual faz mais figura
Na implumada região.

O gaio das suas pennas
As lindas côres louvava,
O corvo, posto que negro,
Ser ainda mais bello julgava.

Aqui se vê claramente,
Por effeito da verdade,
Quanto póde illudir-nos
A nossa propria vaidade.

Por sua parte repetiu, tambem ali, Domingos Caldas Barbosa as seguintes decimas, que elle fez a duas senhoras, uma das quaes não quiz render-se, como a outra, ao seu amor.

N'aquelle ditoso dia
Que eu com Filles estava,
Cada vez que lhe fallava
Sete beijos lhe pedia :
Afflicto eu lhe dizia,
Se m'os não dás, eu assento
Que morro, estalo, rebento :
Ella tendo de mim dó,
Respondeu-me : sete só?
Oito, dez, oitenta, e cento.

Andava mesmo morrendo
Por lhe chamar minh' amada;
Pilho-a um dia descuidada,
Chego-me, e vou-lho dizendo:
Respondeu-me, não o attendo,
Nem jámais o attenderei.
As boas noites lhe dei,
A paciencia moendo,
E fui-me embora dizendo:
Ah! que ao menos desabafei.

Depois d'estas poesias, e de uma lauta merenda, veiu a musica, que começou pela estupenda symphonia da bella opera de *Iphigenia em Aulide* de Gluck, que tanto enthusiasmou João Jacques Rousseau, tocada, por Pedro Anselmo Marechal, no cravo recemtransformado em piano-forte por Pleyel. A isto seguiu-se uma peça de musica executada pela esposa d'aquelle insigne tocador, na harpa, a que, ainda antes do ultimo grau de perfeição a que a levou Erard, Chateaubriand chamou *instrumento das Graças:* e, como junto áquella senhora estivesse posto sobre uma mesa um grande copo d'agua, exclamou então alguem de não recta pronuncia, que ali se achava: *Ui! harpista* (em vez d'alpiste), *e bebedouro!* Logo, em seguida, a cantarina e encantadora Zamparini, de cujo nome um poeta derivou o verbo *emzamparinar-se,* isto é enlouquecer por ella

Tudo se emzamparina, os homens digo,
Que as senhoras maldita graça lhe acham.

cantou, com o não menos celebrado Caporalini (que, como ella estava escripturado no theatro da rua dos Condes, onde então se representavam as operas italianas), o lindo dueto *Ah cari palpiti* da decantada burletta de Cimarosa *Il Matrimonio segreto*, acompanhando, no piano, as vozes o velho e imaginativo mestre de musica João Cordeiro da Silva, que

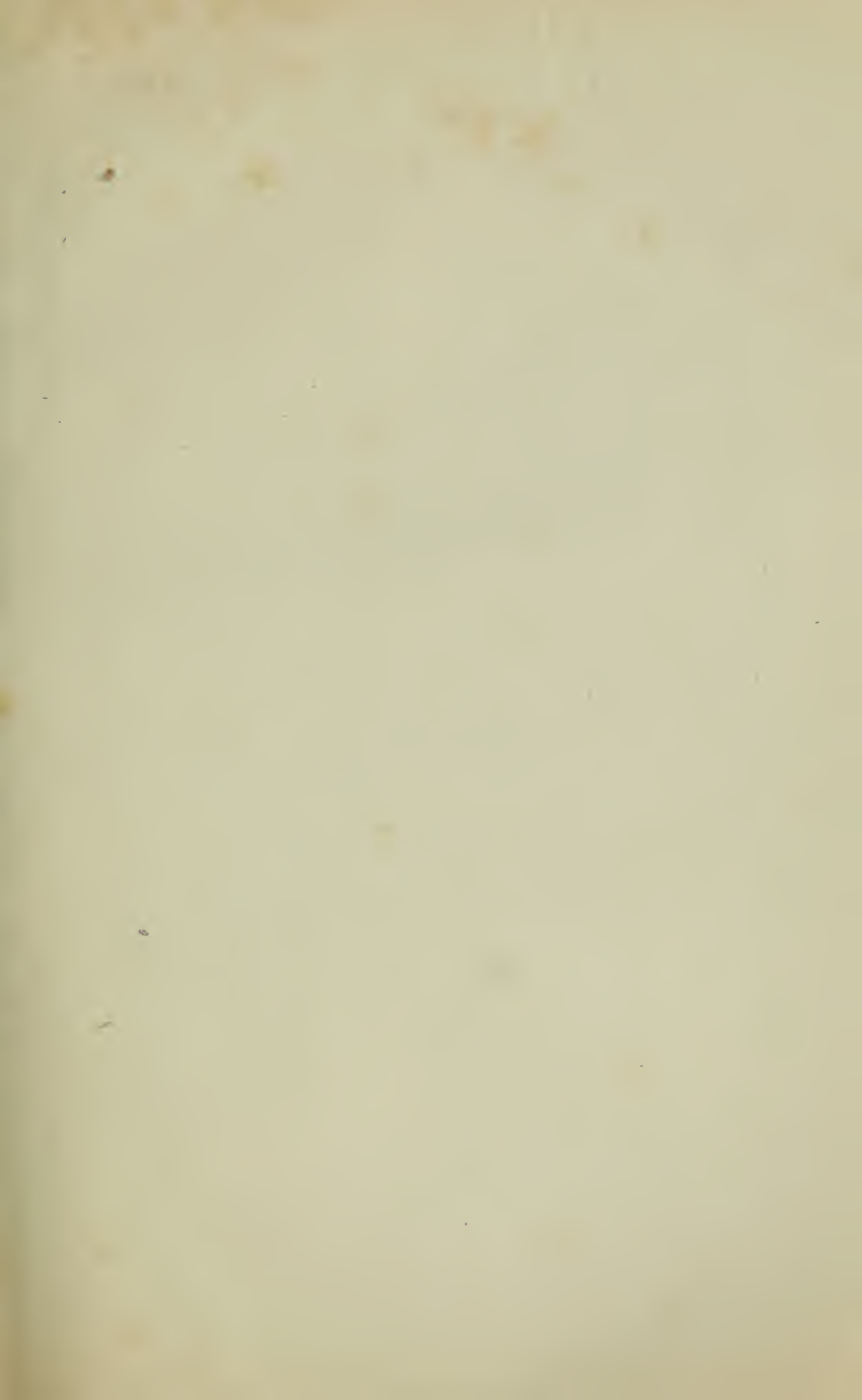
pedia aos cantantes que não virassem depressa as folhas da solfa, para se não constipar: e vendo, no fim do dueto, a famosa cantora, que Nicolau Tolentino tinha os olhos pregados n'ella, perguntou-lhe se nunca a tinha visto, ao que o sempre jovial poeta respondeu: *de graça é a primeira vez*. Depois d'isto o soprano Violani cantou, tambem primorosamente, a soberba aria da mesma peça *Pria che spunti in ciel l'aurora*. Em seguida, o tiple Forlivesi, e o buffo caricato Marchese, que tambem faziam parte da companhia italiana do theatro da rua dos Condes, cantaram, acompanhados de muitos applausos, os engraçados duetos da *Molinara* de Paesiello —*Nel cor piu non mi sento*, e *Abbiate prudenza, mio caro tutore*, a que se seguiram as admiraveis arias, cantadas por Ferracuti, *Ombra adorata, aspetta!* da opera *Giuletta ed Romeo* de Zingarelli, e —*Ah, taci, Alcide, amato*, da Galatea posta em musica pelo nosso eximio contrapontista Antonio da Silva, predecessor do incomparavel, e hoje entre nós esquecido, Marcos Antonio Portugal, que então estava, por conta do governo, e em companhia de Paer e Rossini, aperfeiçoando-se no seminario de Napoles. Depois d'esta musica classica, veiu a, que eu chamarei nacional e popular, das modinhas; ouvindo-se, entre outras cantigas entoadas por differentes damas, a de Caldas Barbosa

Basta, pensamento, basta,
Deixa-me em fim descançar.

cantada em voz sonora, e com chiste, pela condessa de Villa Flor, que tinha vindo tarde.

Assim acabou este sarão: e, quando, na despedida saudosa d'elle, o padre Braz da Costa topou, na sala d'espera, com o criado que havia de acompanhal-o, perguntou-lhe, se havia alguma coisa de novo em Cintra, ao que o moço, querendo dizer que tinham lá chegado uns missionarios Varatojanos que faziam muitas conversões, explicou-se assim: *estão*

lá dois mercenarios de pau para tôjo, que pervertem gente, qu'isso é mesmo um desamparo: e reperguntando-lhe o amo, se sabia mais alguma novidade, respondeu: *morreu hontem um defunto, e hoje estava outro Sacramentado e mugido:* ao que o bom prior, virando-se para meu pae, disse: *é pena que este rapaz não vá para Coimbra!*

A estas anecdotas, Senhoras, e Senhores, bem poderia eu acrescentar muitas outras de que a minha cabeça está cheia, se não temesse abusar da paciencia com que tão benevolamente me tendes ouvido.

,

Pintura de um outeiro nocturno

Rezende, Antonio Telles da Silva Caminha e Menezes
Pintura de um outeiro nocturno